

O estigma do capitalismo na relação do homem, natureza e agricultura

The stigma of capitalism in the relationship between man, nature and agriculture

Joseildo Alves da Cruz Coelho¹

João Henrique Cavalcanti de Oliveira Gomes²

José Venâncio da Silva Neto³

Murilo Henrique Alves Pereira⁴

RESUMO:

O presente artigo visa entender a genealogia dos problemas ambientais em conjunto das desigualdades sob uma ótica marxista, e entender a história das mudanças da agricultura, entender o papel do homem nos seus ambientes conflituosos, sociais e globais, e como isso interfere na interação com a natureza e as práticas da agricultura, e como consequência como evoluiu e se desdobrou, já que todos os fatores que envolvem o homem tem o mesmo como seu conector, o entendimento das interações econômicas e ambientais que impactam o homem em todo globo terrestre. Entender como o imperialismo do ocidente afetou a vidas das nações em desenvolvimento ou subdesenvolvidas e

¹ Graduando em Engenharia Agrônômica, IFSertãoPE - Campus Petrolina Zona Rural, E-mail: joseildo.coelho@aluno.ifsertao-pe.edu.br

² Graduando em Engenharia Agrônômica, IFSertãoPE - Campus Petrolina Zona Rural, E-mail: joao.cavalcanti@aluno-ifsertao-pe.edu.br

³ Graduando em Engenharia Agrônômica, IFSertãoPE - Campus Petrolina Zona Rural, E-mail: josenetofacul@gmail.com

⁴ Graduando em Engenharia Agrônômica, IFSertãoPE - Campus Petrolina Zona Rural, E-mail: murilohenrique44@gmail.com

como a agricultura tem importância para alavancar tais economias, e quais são os pontos de vista dos autores que serão citados.

PALAVRAS-CHAVES: agricultura, desigualdade, ambientais, imperialismo, homem

ABSTRACT:

This article aims to understand the genealogy of environmental problems together with inequalities from a Marxist perspective, and to understand the history of changes in agriculture, to understand the role of man in his conflictual, social and global environments, and how this interferes with interaction with nature and agricultural practices, and as a consequence how it evolved and unfolded, since all the factors that involve man have the same as their connector, the understanding of the economic and environmental interactions that impact man across the globe. Understand how Western imperialism affected the lives of developing or underdeveloped nations and how agriculture is important in boosting such economies, and what are the points of view of the authors that will be cited.

KEYWORDS: agriculture, inequality, environmental, imperialism, man

Introdução

Nos séculos XX e XXI, um dos problemas mais discutidos, sem dúvida, são os impactos ambientais, ocasionados por alterações de efeito na natureza desencadeadas pelo homem em suas expansões urbanas e agrícolas. O que antes representava um simbólico avanço e progresso mostrou-se como um fenômeno ambíguo: a devastação e exploração de espaços e recursos naturais em prol de um crescimento econômico ao longo do tempo nos revelaram uma realidade complexa e que todos os abusos causados à natureza nos últimos séculos tiveram seu revés para o homem como resultado, de forma sutil previsto e apontado em várias partes da obra de Karl Marx (1818-1883), demonstrando a interação entre economia e natureza.

O estigma do capitalismo na relação do homem, natureza e agricultura

Marx, em sua tese de conclusão do curso de filosofia, abordou e fez comparações das filosofias dos pensadores gregos Demócrito e Epicuro, intitulada: Diferenças da filosofia da natureza em [Demócrito](#) e [Epicuro](#) (1841), para demonstrar a correspondência entre o átomo e a estrutura do Estado, e comentando sobre assuntos como a filosofia: “ [...] a prática da filosofia é em si mesma teórica. É a crítica que mede a existência singular da essência, a realidade efetiva típica da ideia.” (Marx, 1980 p. 30). Entre as várias simbologias e pensamentos comparados, está o da natureza, que não está de forma direta e específica em seus textos, mas de maneira solúvel em vários dos seus escritos, estando presente em toda a sua vasta obra. Ele trouxe a abordagem da natureza em relação à sociedade e ao desenvolvimento econômico, sem abordar o assunto sob um aspecto puramente biológico.

Ao longo das décadas e séculos, a economia sempre esteve ligada à exploração e ao uso dos recursos naturais, que incluem uma variedade de classes como fósseis, vegetais e animais. Algumas dessas necessidades, como a ampla demanda energética das indústrias e das grandes cidades, foram inicialmente supridas pela madeira extraída de florestas ou pelo carvão mineral desde o início do século XVIII e ainda são usadas na atualidade, embora em menor escala. O carvão mineral é um recurso abundante, remanescente do período carbonífero, e é extremamente poluente devido ao seu alto teor de carbono, no entanto, foi de extrema importância para as indústrias dos séculos passados pois era um combustível abundante e acessível.

As explorações causadas pelo capitalismo não se limitam somente aos recursos naturais, mas se soma pela utilização intensiva de trabalho do

proletariado, não se limitaram somente nas indústrias dos espaços urbanos, mas se ampliaram também para o campo rural no âmbito da agricultura, essa que abordaremos de forma profunda,

E todo progresso da agricultura capitalista é um progresso na arte de saquear não só o trabalhador, mas também o solo, pois cada progresso alcançado no aumento da fertilidade do solo por certo período é ao mesmo tempo um progresso no esgotamento das fontes duradouras dessa fertilidade. (Marx, 2013. p. 703.)

A noção que Marx nos traz sobre os excessos de poder e abusos das potências capitalistas tais como em seu tempo representadas em sua maioria por países da Europa e os Estados Unidos da América em detrimento aos países do hemisfério sul como os países sul-americanos e africanos. Anos de extrações de recursos e riquezas naturais para fortalecer uma agricultura europeia acometida por declínios e falta de manejo, levando vários países a desgastarem seus solos, leitos de rios e em uma tentativa de conter qualquer tipo de crise alimentar ou produtiva de recursos agrícolas, as colônias africanas e da América do Sul serviram como escapatórias daqueles detentores de riqueza monetária.

Quanto mais um país, como os Estados Unidos da América do Norte, tem na grande indústria o ponto de partida de seu desenvolvimento, tanto mais rápido se mostra esse processo de destruição. Por isso, a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social na medida em que solapa os mananciais de toda a riqueza: a terra e o trabalhador. (Marx, 2013. p. 703.)

As explorações dos países ditos de “primeiro mundo” não resultaram apenas em catástrofes e exploração dos marginalizados, mas acometeu-se uma seqüência de interações que tiveram causa e efeito, a resistência dos países colônias as perniciosas interferências e subjugações impostas pelos países “desenvolvidos”, essas interferências e efeitos são sentidos e vistos até hoje na atualidade, assim como disse o filósofo italiano Domenico Losurdo (1941-2018).

Domenico Losurdo foi um filósofo italiano conhecido por expressar de maneira robusta e substancial as visões contemporâneas do marxismo, além de criticar veementemente os modelos coloniais adotados pela Europa e pelos Estados Unidos. Losurdo destacou-se como um dos grandes defensores

remanescentes do marxismo em sua forma mais pura, especialmente após a queda da União Soviética, quando muitos defensores e pensadores socialistas migraram para outras vertentes, como a da humanização do capitalismo. Esta última era vista, de certa forma, como uma alternativa intermediária entre o capitalismo e o socialismo. Enquanto isso, Losurdo reforçava seus ideais, defendendo fervorosamente as bases do marxismo e enfatizando a necessidade da luta e da busca pela ruptura com o colonialismo do capitalismo liberal.

Para Losurdo, é impossível compreender a história da modernidade burguesa sem considerar a luta anticolonial e antirracista. Ele enfatiza que todos os direitos concedidos para beneficiar os mais pobres, marginalizados, minorias e proletariado resultam de lutas históricas, batalhas e manifestações travadas por diversos grupos ao longo do tempo. Um exemplo notável é a luta pelo direito de voto das mulheres e dos negros, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Losurdo destaca que enquanto Marx e Friedrich Engels (1820-1895): escreviam o livro "O Manifesto Comunista", na América, as pessoas eram escravizadas, e na Europa, havia uma escravidão diferente, onde a classe operária era explorada pela burguesia e não tinha o direito de voto.

O autor italiano destaca as contradições do liberalismo ao evidenciar as terríveis práticas adotadas por países liberais, que agiram de forma brutal em suas colônias. Um exemplo disso é a história da Inglaterra, que esteve envolvida em diversos massacres na Índia. Da mesma maneira, a Bélgica, sob o comando de seu monarca Leopoldo II, cometeu atrocidades no Congo, resultando em crueldade, terror e um massacre que ceifou a vida de metade da população congolense. Para Losurdo, é fundamental destacar a questão colonial e associá-la à luta antirracista, já que o colonialismo está intrinsecamente ligado à racialização dos povos. Ele aponta que os mesmos países colonizadores que defendem princípios como democracia, dignidade humana e direitos universais são os mesmos que causam danos e destruição em outras regiões do mundo.

Marx traz reflexões sobre a verdadeira face do colonialismo em um de seus artigos publicados originalmente em 1853, demonstrando de forma sucinta que os países colonizadores, apesar de pregarem a liberdade e a valorização da pessoa humana dentro de suas fronteiras, mostram-se déspotas e selvagens em

suas colônias. Ele declara: “A hipocrisia profunda e a bárbarie inerente à civilização burguesa se difunde sem véus diante de nossos olhos, passando da sua fornalha natal, onde ela assume formas respeitáveis, às colônias onde ela assume suas formas sem véus.” (Marx, 2003). Para Losurdo, toda essa realidade bárbara que se formava nas colônias era o tipo de compreensão do mundo que Marx buscava combater ao convocar, em suas obras, a classe trabalhadora e os marginalizados para a luta. Losurdo argumenta que o colonialismo representava a forma mais atroz do capitalismo. Em uma de suas palestras, ele cita alguns resultados obtidos por essa busca e luta contra o colonialismo, denunciados por Marx e Engels:

É contra esse mundo que chamava a rebelar-se o manifesto do partido comunista é de grande mérito de Marx e Engels ter chamado para rebelar-se contra esse mundo. E mesmo assim, alguns resultados foram obtidos, com frequência falo das três grandes discriminações que por séculos caracterizaram o mundo liberal burguês, a discriminação a dano das mulheres, a discriminação a dano dos trabalhadores salarizados, a discriminação a dano dos povos coloniais e dos povos de origem colonial. Resultados modestos e parciais foram alcançados, devido ao movimento que partiu do manifesto comunista. (Losurdo, 2009)

A racialização das colônias ou ex-colônias frequentemente as delimitou a países tidos como inferiores em relação aos chamados “países desenvolvidos”, estabelecendo um status de subordinação. Isso envolveu não apenas a apropriação econômica, mas também a exploração do potencial econômico desses territórios, resultando na extração de suas fontes de riqueza ou meios de subsistência, gerando um ciclo contínuo de exploração ou até mesmo uma competição desleal. A Inglaterra se destacou nesses aspectos ao longo do tempo. Um exemplo marcante ocorreu no século XIX e início do XX, quando o Brasil estava passando por um período economicamente próspero, especialmente na região amazônica. Naquela época, a seringueira *Hevea brasiliensis*, árvore nativa do norte do Brasil cujo látex era utilizado na produção de borracha, a única matéria-prima disponível naquele momento para essa finalidade, tornou o Brasil um dos principais produtores de látex, especialmente para a emergente indústria automobilística. No entanto, tudo

mudou a partir de 1876, quando o britânico Henry Wickham levou 70 mil sementes de *Hevea brasiliensis* para a Inglaterra. Como os donos dos seringais brasileiros não compreendiam completamente a situação, acabaram cedendo as sementes. A maior parte dessas sementes foi levada para Liverpool, cidade inglesa, e apenas 3% delas germinaram. No entanto, essa pequena porcentagem foi suficiente para que a Inglaterra estabelecesse extensas plantações no sudeste asiático, enfraquecendo assim o monopólio brasileiro sobre a produção de látex.

Losurdo destaca os países imperialistas como aqueles que rotineiramente ignoram princípios básicos da democracia nas relações internacionais, frequentemente desencadeando guerras conforme suas próprias vontades. Essas nações tentam projetar uma imagem de moralidade e alta civilização, porém, como mencionado anteriormente, revelam-se hipócritas. Enquanto se vangloriam de suas políticas humanas e completa democracia, suas ações contradizem essa postura. Não há nada democrático na busca por conflitos ou na justificação de intervenções militares em nações do Oriente Médio, Ásia ou África. Esses países imperialistas não apenas se envolvem em práticas físicas e bélicas, mas também se concentram na desestabilização da imagem dos colonizados ou ex-colonizados. Esse comportamento do ocidente em relação às demais nações é característico do imperialismo, incluindo a negação dos direitos dos países considerados inferiores ou pertencentes ao chamado terceiro mundo. Isso deriva dos vestígios da dominação colonial e do orgulho inflado da Europa, proveniente de uma época não muito distante em que praticavam subjugação em países africanos, asiáticos e na América Latina. Sempre reivindicando uma fantasia de superioridade, exigiam a subserviência dos países “subdesenvolvidos” a qualquer custo.

[...] Claro, desde sempre os conflitos foram acompanhados por tentativas de difamação do inimigo e pela construção consciente de uma propaganda tecida também com mentiras. Trata-se de uma arma utilizada, sobretudo, contra os grupos étnicos considerados estranhos à civilização. A estigmatização dos “bárbaros” ocorre também por meio da referência a suas práticas “atroz”. Nos Estados Unidos, os peles-vermelhas eram retratados de forma cada vez mais repugnante à medida

que o processo de sua aniquilação da face da Terra avançava com maior impiedade. A guerra discriminatória e de aniquilação das populações coloniais, externas ou internas às metrópoles, é justificada com o recurso à sua desumanização (Losurdo, 2015. P. 193.)

Apesar da maioria dos países que anteriormente foram colônias, subjugados ou sofreram forte intervenção do ocidente, ainda enfrentam os resquícios do imperialismo, as grandes potências continuam sabotando nações que buscam sua soberania e desenvolvimento por meio de embargos ou restrições comerciais. Entretanto, existem opções e caminhos para esse progresso, sendo um deles a agricultura. Países que foram ex-colônias da Europa têm conseguido se destacar e melhorar seus índices econômicos através desse setor, tanto na África, Ásia quanto na América Latina. Um excelente exemplo é o Brasil, que se destaca significativamente na agricultura e pecuária.

Mas assim como o petróleo salvou as baleias de uma iminente extinção no fim do século XIX, as necessidades e competições de mercado entre os países tiveram uma resposta interessante para sanar a crise que sempre se aproximava, daí os primeiros passos para o início daquilo que chamaríamos mais tarde de “revolução verde”⁵, ainda na época de Marx esse movimento global inicialmente elaborado e construído na Europa não tinha a definição “verde” em seu nome, pois tão pouco os latifundiários e donos de terra se importavam com a boa execução de manejo para cuidado do solo e natureza, e tão pouco se importavam com aqueles que só tinham o trabalho braçal para oferecer.

Essas consequências da revolução agrícola, isto é, da transformação de lavouras em pastagens, da utilização da maquinaria, de uma economia mais severa de trabalho etc., são aguçadas ainda mais por esses proprietários fundiários modelares, que, em vez de consumir suas rendas no estrangeiro, são condescendentes ao ponto de viver na Irlanda, em seus domínios. Para que a lei da oferta e da demanda se mantenha plenamente impoluta, agora esses cavalheiros satisfazem (Marx, 2013. p. 953.)

⁵ A Revolução Verde é considerada como a disseminação de tecnologias e manejos que acarretaram no desenvolvimento da agricultura no globo terrestre, principalmente nos países menos desenvolvidos entre os anos de 1960 e 1970.

As colocações de Karl Marx sobre a sistematização agrícola se mostraram coesa, apesar das limitações e da época e dos conhecimentos do autor, algumas assertivas de Marx são bem alinhadas ao que passa ser os primeiros passos de uma grande modificação global, a implementação de maquinários e ampliação de terras no sentido de localização benéfica para os manuseios de ferramentas e máquinas.

As relações do homem e campo evoluíram continuam evoluindo, porém, com menos explorações naturais e mantendo uma postura de conservação da natureza, já que foi mostrado por milhares de pesquisas o manejo correlacionado com práticas ecológicas, e o consórcio agricultura-natureza, trazendo consigo uma junção benéfica para o produtor, natureza e sociedade como um todo e assim amenizando impactos causados pelo desgaste da agricultura capitalista arcaica.

Considerações finais

As mudanças e evoluções ao longo da história são naturais para a humanidade e refletem as interações internacionais e seus mecanismos dinâmicos. Essas interações têm sido determinantes na realidade de várias nações, moldando impactos históricos, promovendo modernizações e contribuindo para a construção dos sistemas presentes nos países atuais. Mesmo com os resquícios dos países desenvolvidos ou das potências econômicas sobre as nações em desenvolvimento, há aspectos positivos a considerar. A agricultura desempenhou um papel fundamental nesse contexto. Não apenas os países imperialistas aprimoraram suas técnicas, mas também as nações colonizadas, frequentemente utilizadas como locais de plantações destinadas à Europa. Esse fenômeno se intensificou após a Segunda Guerra Mundial, quando a reconstrução urgente da Europa demandava uma produção alimentar capaz de suprir as necessidades de um mundo devastado pelo conflito.

A evolução gradual e progressiva no desenvolvimento da agricultura é resultado da aplicação científica, que por vezes deu saltos tão significativos que são dignos de menção. Um exemplo é o químico alemão Friedrich Wöhler

(1800-1882), responsável pela descoberta e síntese da ureia. Sua descoberta foi fundamental para a expansão em larga escala da agricultura europeia, especialmente durante a “revolução verde” do século XIX. Vale ressaltar que Wöhler não foi o único a contribuir para a modernização agrícola naquele período. Essa reflexão nos leva a considerar como a necessidade do mundo cresce e impulsiona a modernização de setores essenciais para a sobrevivência humana, como a agricultura e a pecuária. A modernização, expansão e democratização dessas áreas têm o potencial de reduzir ou atenuar as desigualdades sociais. Países que foram colonizados e tiveram seus recursos explorados durante longos períodos agora emergem como potências na produção de alimentos e commodities, como é o caso do Brasil

Referências

MARX, Karl. **Os Resultados Eventuais da Dominação Britânica na Índia**. Tradução de José Barata-Moura. Editorial "Avante!", Lisboa, 1982.

MARX, Karl. **Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro**. São paulo: Global editora, 1980.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FREITAS, Rosana; SOARES, Letícia; Nélsis, Camila. A crítica marxista ao desenvolvimento (in)sustentável. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 41-51, jan./jun. 2012.

GEROSA, Giulio. Marx, Imperialismo e Racismo (Legendado) Domenico Losurdo. YouTube, 14 de junho de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-gZ7XRf-gqM>: Acesso em: 17 de dezembro de 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 3. ed. São Paulo: Sundermann, 2017.

LOSURDO, Domenico. **Colonialismo e luta anticolonial**. Organização Jones Manoel; Tradução Diego Silveira. 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.

LOSURDO, Domenico. *Guerra e revolução: o mundo um século após Outubro de 1917*. São Paulo: Boitempo, 2017.

MACIEL, Mayara. Seringueira, a planta que sustentou uma região. **Museu Paraense Emílio Goeldi**. 31 de outubro, 2016. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/noticias/seringueira-a-planta-que-sustentou-uma-regiao-1>. Acesso em: 17 de dezembro de 2023.